

História do PT (1978-2010)

LINCOLN SECCO

Cotia: Ateliê, 2011, 320p.

MARISA MIDORI DEAECTO*

Nos já distantes anos 1990, Lincoln Secco via-se às voltas com as questões gramscianas e a forma como determinado *corpus* teórico se transformava em práxis política na história dos partidos de esquerda, de modo geral, e, em particular, nos partidos brasileiros. Isso tanto no histórico PCB, em que Gramsci, segundo nosso autor em sua obra *Gramsci e o Brasil* (2002, p.96), “servia mais de *exemplo* do que inspiração para elaborações próprias”, quanto no mais jovem Partido dos Trabalhadores, que buscou “uma formulação teórica própria (nacional) acerca do socialismo”. Estavam ali, em *gérmen*, algumas linhas de força que seriam recuperadas nesse pequeno e precioso ensaio, muito justamente intitulado *História do PT* (1978-2010). Tem-se a primeira obra que leva tal título e que busca nos movimentos de conjunto e na configuração interna do partido sua natureza, sua dinâmica e suas contradições.

Assim o PT apresenta-se original não apenas em suas formulações teóricas, mas também em sua organização. Original e pioneiro, afirma Secco. Nasceu nas greves do ABC, o que justificou sua composição operária. Mas não daquele operariado militante tradicional que se congregava nas fileiras do comunismo ou do trabalhismo nos moldes getulistas. Trata-se de um “novo sindicalismo”, que o autor não ousa categorizar, mas, antes, situar na dinâmica interna do país:

* Professora da ECA-USP.

de um crescimento acelerado da população urbana a partir dos anos 1950, dos movimentos migratórios em direção ao Sudeste, da concentração industrial na cidade de São Paulo e, de forma mais intensa, nas franjas da grande metrópole, onde se formou seu principal distrito industrial.

Um “novo sindicalismo” que é, sem dúvida, fruto das próprias contradições engendradas no surto modernizador paulista, como bem o demonstra a vasta bibliografia de que o autor faz uso em sua análise. Ainda em São Paulo, também setores da Igreja, militantes de esquerda, profissionais liberais, trabalhadores dos setores de serviços (esses últimos, em pleno crescimento nos anos 1980) e intelectuais conformaram os quadros iniciais do PT. Costura difícil, que exigiu empenho do então sindicalista Lula e de seus correligionários, que demandou viagens e conhecimento do Brasil profundo; donde a importância das alas mais progressistas, senão, revolucionárias, da Igreja e dos movimentos agrários.

Fruto de uma “desigualdade social inseparável da espacial” (Secco, 2011, p.68) foi esse o partido fundado no Colégio Sion, em um bairro nobre da capital paulista, “no dia 10 de fevereiro de 1980”, para onde concorreram “1.200 pessoas (sendo 400 delegados eleitos em 17 estados brasileiros)” (Secco, 2011, p.35).

Para o autor, “Os anos de formação (1978-1983)” conjuntem elementos de originalidade e de contradição do partido. Do ponto de vista espacial e classista, como vimos, o novo partido amalgamou setores diversos da sociedade, todos empenhados no processo de redemocratização do país e na formulação de um projeto modernizador e igualitário. Mas, como bem o sabemos, a formulação inicial transformou-se em projetos tão múltiplos quanto o próprio caráter multiclassista enfatizado por Lincoln Secco em todo o livro. É que os espaços e as classes, noutros termos, a “dinâmica das regiões”, conformaram diferentes temporalidades, diria o autor, à moda braudeliana.

Dinâmica que se traduz na organização interna do Partido, com seus núcleos, diretórios zonais, municipais e estaduais. Os primeiros, aliás, não eram reconhecidos na legislação partidária, tornando-se, portanto, inoperantes dentro de um partido que almejava a disputa eleitoral. O que não impediu a existência e atuação desses núcleos entre militantes de diversos setores, como bem o demonstra Secco, ele próprio membro-fundador do Núcleo de Estudos de *O capital*, cuja importância para a difusão da literatura marxista bem se revela na atualidade, ao tocar uma segunda geração de jovens leitores.

A discussão em pauta revela-se neste que é, possivelmente, o capítulo mais original do livro, senão o mais tenso, pois combina experiências vividas com a análise dos movimentos de conjunto. Saltam aos olhos as contradições entre a teoria e a práxis, os projetos e as realizações – considerando a relação frouxa que o Partido mantém com as formulações socialistas, sem, contudo, negá-las, pelo menos nos primeiros tempos.

Em “Oposição social (1984-1989)” confrontam-se duas perspectivas: o partido que “poderia ter sido” em relação àquele que se consolida e se transforma

(massifica-se?) nas dramáticas eleições de 1989. Citando Florestan Fernandes, “houve uma ruptura histórica que separou o presente do passado e exige um futuro que não reproduza o presente” (Secco, 2011, p.142).

De fato, o PT que emerge no terceiro período, o da “Oposição parlamentar (1990-2002)”, acenava para o futuro. As sempre intrincadas e complexas disputas internas são apresentadas pelo autor de forma didática, com quadros, estatísticas, nomes, descrições, confissões de gabinete; em resumo, tem-se nesse capítulo um cenário que bem sintetiza o processo de profissionalização dos quadros partidários e a tendência a um afastamento das lideranças em relação às suas bases. Curiosamente, a trajetória de José Dirceu parece interessar ao autor mais que a de Lula. Esse último ressurgue nas últimas páginas, às vésperas das eleições para a presidência. Não era uma unanimidade no início, mas o foi para a população brasileira. No momento em que a esperança vencia, a militância declinava. E tal foi o primeiro passo para a debacle de 2005.

O historiador militante mal disfarça certa nostalgia na análise do último período, “Partido de governo (2002-2010)”. E se a “Carta ao povo brasileiro” era a “espuma do mar”, o que se agitava nas águas profundas? A sociedade brasileira, com seus avanços e atrasos: uma estrutura moldada, desde as origens, por diferentes espaços e temporalidades. Eis uma resposta possível.

Uma resposta cômoda, diriam alguns. Resposta que mais elude as fraquezas de um PT do que esclarece, denuncia, apresenta novos caminhos. Acontece que o militante, hoje professor da Universidade de São Paulo, aprendeu com seus mestres que é preciso compreender os movimentos que se processam nas profundezas do mar. Não fora o mesmo historiador o primeiro a indagar sobre o real alcance dos fatos políticos nas estruturas sociais, ou daquela revolução na estrutura social portuguesa? De acordo com Secco:

A historiografia não parece ter considerado muito a revolução inserida na longa duração e, por isso, não explica, senão insatisfatoriamente (como traição ou pusilanimidade das direções ou erros ou acertos individuais dos líderes) os resultados práticos e efetivos dela. Em qualquer desses casos, trata-se de explicações morais e não políticas ou históricas. (Secco, 2004, p.257)

Numa viagem preparatória para novo estudo, ao adentrar o estado mais rico do Brasil, o autor surpreendeu na imensidão das terras “o recorte geométrico de propriedades rurais produtivas e vazias de gente”, ao mesmo tempo em que via nas encostas das cidades circunvizinhas “as favelas empilhadas de gente” (Secco, 2008, p.234). O que se agitava sob uma paisagem tão desoladora?

De forma análoga, pode-se dizer que *História do PT* guarda, sob uma estrutura didática simples e um texto acessível – fatores que resultaram no esgotamento recorde da primeira edição (em apenas um mês!) –, uma análise histórica refinada de um partido e a da sociedade brasileira nesses últimos trinta anos. Na superfi-

cie, engendram-se contrastes que minam, senão, movimentam o PT no plano das ideologias, da composição classista de seus quadros, dos espaços que o partido toca e das temporalidades que atingem. Nas águas profundas, um partido que se alinha às alianças de gabinete na contracena da política brasileira, em que o espaço para as ideologias é mínimo e inexiste o debate político. Tal é a tradição. Esse é um livro que busca tocar o futuro, as novas gerações, como bem se apreende em sua dedicatória. A dialética, enfim, do que poderia ter sido e do porvir.

Referências bibliográficas

- SECCO, L. *Caio Prado Jr.* São Paulo: Boitempo, 2008.
———. *Gramsci e o Brasil.* São Paulo: Cortez, 2002.
———. *História do PT.* Cotia: Ateliê, 2011.
———. *Revolução dos Cravos.* São Paulo: Alameda, 2004.